

TAL

TEMPOS DE ARTE LITERÁRIA

CONTO | CORDEL | CRÔNICA | POESIA | POEMA



Artísticos
e Culturais



Catálogo das Produções Estudantis

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

DO LADO
DA GENTE

Catálogo das Produções Estudantis

Obras produzidas durante o ano
letivo de 2025 e apresentadas no
Encontro Estudantil da Rede
Estadual da Educação



EDUCAÇÃO, ARTE E INOVAÇÃO
PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL

GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA

Jerônimo Rodrigues

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA

Geraldo Júnior

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO

Rowenna Brito

CHEFE DE GABINETE

Luciana Menezes Silva

SUPERINTENDENTE DE POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - SUPED

Helaine Pereira de Souza

DIRETOR DE EXECUÇÃO DE POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - DIEx

Fabio Fernandes Barbosa

COORDENADORA DE ARTE E CULTURA ESTUDANTIL - CACE

Djenane Silva dos Santos

ELABORAÇÃO

Coordenação de Arte e Cultura Estudantil - CACE

DIAGRAMAÇÃO

Nadjane Nascimento de Moraes

TEXTOS

Mantidos em sua formatação original



Apresentação

A Secretaria da Educação do Estado da Bahia visando contribuir para a ampliação do acesso e a garantia dos direitos culturais, por meio dos Projetos Artísticos e Culturais - que compõem o rol dos Projetos Estruturantes - fomenta práticas pedagógicas de caráter emancipatório, por meio da educação de natureza inclusiva, contextualizada, artística e cultural pautada nos valores identitários, na diversidade sociocultural, no respeito às diferenças culturais, considerando os aspectos do cenário territorial e global ao qual o indivíduo está inserido.

Tempo de Arte Literária- TAL é uma experiência de caráter educativo, artístico e literário que mobiliza a juventude estudantil e os processos educativos, estimulando experiências criativas e produções literárias nos colégios da rede estadual de ensino.

Sendo assim, as unidades escolares potencializam o exercício da criatividade e a difusão da produção estudantil na rede, numa perspectiva pedagógica histórico crítica, criando oportunidades para tornar a escola um local de interação, integração cultural e social.

Números e TAL...



Projetos
Artísticos e
Culturais
POSSIBILIDADES,
CRIAÇÕES E CAMINHOS
PARA UM NOVO MUNDO!

Em **2025** foram produzidas na
ETAPA ESCOLAR 42.968

textos no projeto TAL nas escolas
estaduais nos 27 Núcleos
Territoriais de Educação



634 mil
estudantes

**mobilizados na Rede com os Projetos
Artísticos e Culturais.**

Sumário

Um sopro de esperança	8
Entre o grito e o silêncio	11
Pindorama Aupaba	13
Séculos da Opressão	15
Carta aberta à justiça que nunca chegou	16
O desadormecer da resistência	18
Mulheres Negras	22
Anomalia	24
Porto Inseguro	25
Brasil do Século XXI ou XVI?	27
Onde morre a fé	30
Desordem e retrocesso	31
Liberdade, Igualdade e Representatividade	34
Brasil Literário	35
A ascensão da pureza	37
Gritos Calados	39
Não sou cenário, sou gente	40
Torto Arado	42
Dor não contada, culpa mascarada	43
Na carne, o açoite	47
Tudo começa na favela	49
Raízes Negras: Ela me dizia chorando	50
Flores em chamas	53
Pátria Amada	55
Tiro ao Girassol	61
Facção do Poeta	63
Raízes do Brasil	64

NTE 01 - Irecê



Autor (a): Mark da Cruz Souza

Colégio: Estadual São Sebastião

Série: 2º ano

Município: América Dourada

Um sopro de esperança

Houve um tempo em que uma cidade, conhecida como Zendar, prosperou sobre o manto da Terra. Suas ruas brilhantes, monumentos imponentes e seu magnífico Lago de Cristal tornavam-na um verdadeiro paraíso para todos que ali habitavam. No entanto, conforme o tempo passava, aquele lugar deslumbrante desaparecia aos poucos. Então, como uma nuvem que tudo consome, veio o terrível apocalipse. Aquilo se espalhou rapidamente, como uma praga, devastando tudo em seu caminho e varrendo toda a vida local. Essa praga corresponde por um único nome: humanidade.

Conforme a ganância do homem aumentava, Zendar afundava em incessante desgraça. Aquele lugar, hora sereno e verdejante, tornou-se um deserto cinzento e impiedoso. As árvores quase não existiam, o ar era poluído e insuportável; o magnífico Lago, que uma vez fora cristalino, tornou-se um poço tomado por lodo e lixo. Aquela cidade é, agora, controlada por Éros, um implacável militar que implantou na cabeça dos cidadãos que desmatar, poluir é matar era normal. Pois não precisavam de florestas ou água. Todos vivem sob seu regime consumista, destruindo tudo o que remete ao passado próspero e pacífico.

Meu nome é Myron. Eu sou o último de minha espécie: os tritões, seres subaquáticos e pacíficos. Minha morada, o lago, já não existe mais. Eu vivo em uma pequena gruta afastada de tudo, sozinho e isolado. Às vezes, abduco de minha verdadeira forma para me infiltrar no meio humano e descobrir mais. Sempre que o faço, vejo nas ruas centenas de rostos miseráveis, cansados e sem esperança, carregando nas costas seus tanques de oxigênio, a única coisa que os mantém vivos.

Conforme os dias se passam, eu vejo como Éros suga cada gota de vida daquelas pobres pessoas, tornando-as tão cinzentas e mortas quanto a própria cidade. O último resquício de vida estava selado a sete chaves nos cantos mais profundos da fortaleza de Éros; era um pequeno campo de árvores. Árvores que produziam as últimas gotas de oxigênio e que, por sua raridade, tornaram os cidadãos escravos de Éros, pois necessitavam desse ar puro, e faziam de tudo para conseguir.

É em um desses dias que, ao sair de minha gruta, sinto algo que há muito não sentia: uma brisa fresca, limpa e suave. Aquilo não era natural, e seguindo aquela direção, após horas, eu me deparo com uma coisa magnífica: uma pequena planta indefesa. Deitada, ao lado da plantinha, jazia uma pequena garotinha, vestindo uma roupa de veludo. Eu saí da água para ver mais de perto, mas acabei acordando a pequena garota, que deu um pulo e arregalou seus pequenos olhos cor de mel. Eu tentei acalmá-la.

— Não, por favor! Eu não quero machucá-la. — A garota não disse uma palavra. Estava em posição defensiva. Mas não para se proteger, e sim para proteger a planta. Eu me aproximei mais, tentando mostrar à menina que eu não era uma ameaça (coisa que ela pareceu entender). Me sentei em sua frente e fiz algumas perguntas, as quais ela não respondeu; então, um simples gesto seu me fez entender: ela era muda. Ela não falava, mas eu sabia que ela estava lá para proteger aquela planta. “Uma criancinha fraca protegendo tão ferozmente essa mudinha? Quem diria...” , pensei, enquanto a menina voltava a se sentar. Decidi então dar-lhe um nome, um nome que aquela planta e aquela garota simbolizavam para mim.

Chamei-a de Esperança.

Não houve tempo para descanso. De repente, Esperança e eu estávamos cercados pelas forças de Éros. Acho que estavam rastreando a menina há um tempo. A garota pegou a plantinha do chão e pulou em minhas costas; eu nadei o mais rápido que pude, mas sem saber pra onde ir. Esperança então fez um gesto, apontando para as montanhas. Eu apenas assenti e segui a direção o mais rápido que pude. As forças do exército ainda nos perseguiram. Em meio à um deslize, a plantinha (que estava em um recipiente) caiu na água. Sem pensar duas vezes, Esperança mergulhou para salvá-la, mas foi atingida por um dos tiros. Eu a peguei e continuei a jornada.

Em pouco tempo estávamos aos pés da montanha. Eu troquei minha cauda por pernas e comecei a subir com a pequena garota, que chorava de dor em meus braços. Alcançamos o topo e eu me surpreendi. Não havia nada lá! Apenas pedras e um pouco de terra. Esperança saltou dos meus braços e, mancando, levou a planta até as pedras. Eu não tive tempo de raciocinar, pois eles chegaram.

— Nem mais um passo. — Eu me virei e Éros estava lá, armado com uma esquadra de soldados. — Entregue a garota e a planta e você não sai ferido.

Eu avancei neles, mas tudo que pude sentir foi a bala atravessando o meu corpo. Caí. Mas antes de desmaiar, vi Esperança enterrando a muda no chão, entre as pedras. Depois disso, minha visão foi ofuscada por um brilho intenso; ao recobrar a consciência, vi que onde antes estava a muda, agora havia uma árvore enorme, grande com eu nunca havia visto.

Éros e seus soldados não estavam lá. Em seu lugar, haviam apenas árvores belas, dançando com o vento. Meu ferimento também desaparecera, pois aquela árvore havia me curado. Eu olhava deslumbrado, enquanto as raízes da árvore percorriam toda a extensão da cidade, trazendo de volta à vida a antiga glória de Zendar. As árvores cresceram e o lago voltou a brilhar. Eu olhei para a Esperança. Ela segurou minha mão firme, e juntos, vimos o começo de uma nova era: uma era de esperança.

NTE 02 - Bom Jesus da Lapa

Autor (a): Ellen Cristina Sales Rodrigues Nunes

e Monique Mirelly da Cunha Basto

Colégio: Da Polícia Militar - CPM

Série: 1º ano

Município: Bom Jesus da Lapa



Entre o grito e o silêncio

Peço licença pra falar
— Mas sei que minha palavra não pede.
Ela brota da fome,
Do papel catado na rua,
Do quarto de despejo
Que chamam de lar.

Preferia que você calasse.
Que varresse suas palavras pro canto,
Que não trouxesse pra minha sala
O cheiro da lama, o som da miséria.
Seu grito me incomoda —
Ele quebra o vidro da minha paz.

Mas minha voz vem da estrutura que sufoca.
Do racismo diário, do silêncio violento,
Da escola que exclui em silêncio,
Do hospital que fecha a porta pra quem não fala igual.
Do corpo trans que apanha calado,
Da criança neurodivergente rotulada de incômodo.
Do deficiente sem rampa, sem vaga, sem olhar.
Da mãe que ouve: "isso é falta de surra".
Minha dor é múltipla. E ainda assim, invisível.

Sua presença me incomoda
Ela estilhaça o silêncio confortável,
Desperta consciências adormecidas,
Rasga as cortinas da indiferença,
E revela a verdade que tentam esconder.

Escrevo com fogo,
Com a urgência de quem tem fome.
Cada linha, um espinho
Na carne da indiferença.
Sou Carolina,
E minha palavra não se cala.

Eu leio com o incômodo
De quem tem tudo —
Menos coragem.
Seu fogo queima minha máscara,
Seus cadernos são espelhos
Onde vejo o que nego ver.

Eu grito porque o silêncio me mata.
Porque o racismo cerca meu caminho,
Porque a fome cala minha filha,
Porque o lixo vira sustento.
Porque o Sistema esquece quem é diferente.
Porque o mercado rejeita quem não se encaixa.
Minha escrita é o grito
Que o mundo quis esconder.

Eu sou parte do mundo
Que te obrigou a gritar.
Sou o silêncio que te feriu.
Sou os panos brancos
Que tentaram tampar os ouvidos
Para não ouvir tua dor.

Eu sou parte do mundo
Que te obrigou a gritar.
Sou o silêncio que te feriu.
Sou os panos brancos
Que tentaram tampar os ouvidos
Para não ouvir tua dor.
Sou a política que te nega,
O sistema que te engole,
O remédio que falta,
O preconceito que sobra.

Minhas palavras atravessam os muros,
Entram pelas frestas,
Racham as paredes da tua casa limpa.
Não há sala onde minha dor não caiba,
Porque minha dor é tua dívida.
E a tua paz, construída sobre meu silêncio,
Não tem alicerce que dure.

Eu queria não ver,
Queria fechar os olhos,
Mas teus cadernos me olham de volta.
Teu diário é faca e é semente — Corta meu
conforto, planta verdade.
Ele diz: respeita o diferente.
Olha nos olhos do invisível.
Escuta quem nunca teve voz.

Fico.
Fico porque escrevo pra existir.
Porque o papel, o caderno, a palavra
São o que me sobra
Quando a fome rouba tudo.
Quando a ignorância tenta me apagar.
Quando o preconceito me mede em silêncio.

Fico.
Fico porque tua palavra me invade,
Porque não posso mais fugir.
Porque, se eu calar tua voz,

Eu calo a chance de ser mais.
Calo o grito das quebradas,
Dos corpos pretos,
Dos indígenas, das mães exaustas,
Dos neurodivergentes que precisam de afeto
— e não de julgamento.

Entre o grito e o silêncio,
Entre o fogo e o pano branco,
Entre o diário e o espelho — Somos parte da
mesma história.
Que minha palavra continue.
Que nosso silêncio aprenda.
Que a estrutura se quebre.
E que nasça, do caderno rasgado,

Um país que escute.

NTE 03 - Seabra

Autor (a): Luiza Souza Barberino

Colégio: Estadual Professora Zenaide Alves Barreto

Série: 3º ano

Município: Utinga



Pindorama Aupaba

O Brasil nasceu do estupro, da invasão, O Brasil
foi tudo mas descoberto não! O Brasil nasceu da
dor, da guerra, da luta, O Brasil é um país de
memória curta.

Exceto pros vestígios da colonização,
O Brasil ainda tem a mesma visão, Aliás, Brasil
não Pindorama, como os povos originários essa
terra chama.

Tantos anos massacrados,
Até hoje assassinados,
Pelo fogo em suas terras, incinerados,
Morte após morte, sendo apagados.

Condenam, humilham, matam,
Um povo que a séculos tem que lutar,
Do resto dessa terra afastam,
Quem de verdade tenta dela cuidar.

Esse país vive de massacre,
País de povo covarde,
Que paga pau pra europeu, povo que ferrou
tudo que é seu.

País de povo cego, sem memória,
País que não recorda a própria história,
País vira lata, sem razão,
Que não reconhece o próprio chão.

Endeusam quem fez a ruína,
Admiram a outrin,

esquecem de quem descende,
Desmerecem quem quer que entendem.

O "Brasil" não merece ser Pindorama,
Não ouvem quem a ele clama,
O próprio poder quer calar,
Um povo que por direito tem que protestar.

Quem já teve milhões,
Hoje é expulso por multidões,
Quem já teve a glória,
Hoje não pertence à memória.

É isso que falta pra esse lugar,
Saber ouvir sem querer calar,
Saber cuidar ao invés de matar,
Saber acolher os seus não os de lá.

Queimam aldeias pra garimpar,
Matam indígenas pra terra roubar,
Estupram por bem querer,
Sabem que a eles a lei não se faz valer.

Desmerecem o saber,
Desconhecem o poder,
Interiorizam toda uma etnia,
Pra provar que a sua valia.
E para repetir a vez
Essa sede por se provar,
Sempre foi o que fez
Esse país se odeia,
Quer ver tu o seu na cadeia, destruir toda a
sua riqueza

País que mata com frieza.

Esse país nasceu do caos, da maldade,
Isso segue com seu povo na atualidade,
O Brasil nasceu a partir de 1500,
Pindorama existia antes desse tormento.

Os povos originários fizeram demais,
Por um país que nada por eles faz,
E por esse país seguem a lutar,
Mesmo que só os tentem expulsar.

A Amazônia por eles foi moldada,
A natureza por eles é preservada,
Nosso instinto de persistir,
Nasceu quando eles tiveram que fugir.

E assim até hoje, a fuga constante,
Já que a justiça pra eles é frustrante,
Morrem por território, ou o deixam à mercê,
De um povo cruel que só quer ter.

Querem ter a riqueza dos minerais,
Mas esquecem que quando acaba não tem mais?
Uma hora vai acabar,
E todos os povos já estão a avisar.

Mais vale um país de riqueza cultural,
Que reconhece tudo que lhe fez mal,
Do que um país usurpador,
Como os europeus, que só causaram horror.

Nosso país é rico e basta parar pra ouvir,
Quem antes à invasão já estava aqui.
Esse país tem que aprender a escutar,
Quem não quer a ele derrotar.

Se parassem pra ouvir por um instante,
Quem já vem de uma luta constante,
E tentar ajudar, para que se sintam iguais,
Esse país seria demais.

Mas preferem dar ouvidos a síndrome de vira lata,
Que o próprio povo mata,
Escutar pra preservar,
Cultura, língua, fala.

Os povos originários merecem muito além,
Se a luta fosse por justiça não existia porém,
Mas é só por direitos, e estão lá na constituição,
Só que pra cumprir não ligam não.

A ruína desse país se deu início na sua invasão,
Seu povo não liga pra outra versão,
É sempre a história de quem matou que é ouvida,
A de quem foi morto é difundida.

Deve ser bom ser o dono da verdade,
Ser parte do que a molda com facilidade,
Mas e quando você descobrir,
Que descende do tupi?

Dos Payaya, Terena, Macuxi,
Que você veio dos Guarani,
Não desejo que ninguém,
Seja feito como eles, de refém.

Refém da dúvida, do pavor,
Do medo de acabar como um avô,
Morto por algo que lhe pertence,
Mas não é algo que normalmente se pense.

De etnias indígenas descendemos,
Mas nessa guerra não nos metemos,
É triste de um povo a existência,
Ser símbolo de persistência.

Mas tem de ser assim,
Persistir para não ser o fim,
Da nação, da cultura, dos ancestrais,
Dos que pedem direito e paz.

NTE 04 - Serrinha

Autor (a): Guilherme Pereira Santana

Colégio: Estadual do Campo Rio Branco

Série: 2º ano

Município: Conceição do Coité



Séculos da Opressão

Século XIX, dia 13 — assinaram a lei da abolição, como se um papel pudesse apagar séculos de dor. Como se tinta negra sobre branco fosse capaz de curar feridas abertas à chibata.

Foram "libertos", mas sem chão, sem mão estendida, sem teto, sem pão,
Libertos de quê, se ainda somos reféns do olhar torto, do medo nos olhos de quem nos vê chegar?

Século XXI...

E ainda é comum ver mais um preto cair, morto de forma violenta, como se fosse rotina, como se sua vida não valesse o peso do noticiário.

Século em que mães ainda ensinam seus filhos a não usarem capuz, a não correrem com mochila, a não parecerem uma ameaça,

Ser preto ainda é andar com medo.

Com meu cabelo crespo e minhas roupas vivas, vou fazendo o mundo se adequar ao meu
jeito, não me dobro — ele é quem vai se moldar.

No jornal, século XXI — "Policiais invadem a favela..." e, acidentalmente, mais um preto é morto. Mais uma família sangra, mais uma mãe se rasga em lamento nas calçadas.

Mais um preto é suspeito — só por existir, por respirar, por ter a pele como testemunha de uma história que insiste em ser silenciada.

O racismo... esse monstro invisível que não precisa lutar por um lugar na sociedade — ele já está confortável demais.

Meus ancestrais...

morreram em senzalas abafadas, como borboletas com asas arrancadas antes do primeiro voo. Tudo para que hoje eu pudesse falar, gritar, ocupar o espaço que me é devido.

Carrego o grito entalado nas gargantas do passado, o sangue pisado no barro das senzalas, o desespero dos olhos que viram a liberdade fugir.

Guardo em mim não só a minha voz, mas milhares de vozes silenciadas.
E a minha voz — ah, a minha voz — jamais se calará.

NTE 05 - Itabuna

Autor (a): Gabriel Paixão da Silva e Juliano dos Santos Mariano

Colégio: Estadual de Tempo Integral Dom Paulo Lopes de Faria

Série: 3º ano

Município: Itapé



Carta aberta à justiça que nunca chegou

Sustentabilidade social é uma boa crença,
Como um pai, cuidando do filho,
Cobrando e corrigindo indiferenças.
Mas às vezes, igual montanha pode desmoronar,
Pois só serve para quem pratica o social com consciência,
Não permitindo o individualismo se alastrar.

A sociedade é como uma praga insolente,
A fome se prolifera de maneira indecente,
Como rio a fluir, a vida escorrega da gente.
Sociedade pobre, feia, sem amor;
Vazia, gananciosa, sem valor,
Tratam vidas como lixo, proliferam a dor.

O governo, corrupto e injusto, pouco faz,
Dinheiro não falta — o que querem mais?
Esquecem dos pobres, ignoram o respeito,
Como faca cravada, rasgando o peito.
Sem compaixão nem vontade de cuidar,
Fazem vítimas sem ao menos pensar.

O desemprego também é outro caos que não se acaba,
Causa fome, roubo, a justiça se abala.
Destroi famílias, apavora a nação,
E segue crescendo, sem previsão de solução.
Gente honesta vai na contramão,
E por falta de emprego, perde o chão.

A falta de moradia, situação maléfica e deprimente,
Telhados de papelão sob o céu indiferente.
Na calçada, corpos sem nome e chão,
Lar composto por frio, vento e solidão.
Cidades adotam a arquitetura hostil,
Expulsando seus filhos de forma sutil.

A saúde foi esquecida também:
Postos sem médicos, enfermeiros não tratam bem.
Poderiam se atentar ao povo,
Ter remédio, ambulância, equipamento novo.
E quando tem, é uma manada —
Hospital lotado, gente sendo ignorada.

Educar é criar futuros, algo essencial,
Mas sem respeito e valorização do professor, tudo vira mal.
Crianças crescem e dominam a tecnologia, aceleradamente,
Mas falta saber real em suas mentes.
Nas escolas, muitas vezes falta apoio e atenção,
Aos professores, que sustentam a educação.

Violência urbana também não dá pra ignorar:
Pessoas em casa, a descansar,
A qualquer momento uma bala pode acertar.
Tiroteios nas comunidades periféricas, toda hora,
Vidas se perdem, mesmo fora da história,
Causando às famílias dor e pavor.

Facções dominam as cidades,
Aceitam crianças, adultos de todas as idades.
Prometem poder, vendem falsidades,
Cobrando com sangue suas lealdades.
Com as mãos, não se pode mais fazer sinal
— Um gesto qualquer pode ser fatal.

O racismo fere, sem justificativa,
Esquecem que todos fazem parte da mesma base viva.
Negro inocente, preso sem razão,
Enquanto o branco mente com toda proteção.
E piada, que finge ser só brincadeira,
É espinho escondido em falsa roseira.

Assim, ações sustentáveis precisamos implantar,
Para a desigualdade, racismo e violência superar.
Empregos dignos e estáveis garantir,
Para que todos possam trabalhar e evoluir.
Educação de qualidade devemos promover,
Com verbas suficientes para boa infraestrutura e recursos oferecer.

A comida é um bem precioso
Que não deve faltar,
Crianças e adultos morrendo de fome devem acabar.
Um lar bom e aconchegante
Para sem tetos devem ser construídos,
Pois nas ruas frias ninguém deve ser esquecido.

Que a justiça brote em chão sofrido,
Fazendo da dor um passo erguido,
Que a escola acolha e a cura alcance,
E a moradia abrace a esperança a todo instante
Que a cor da pele não pese e que reine o respeito,
E o amor nos guie num mundo mais direito.



NTE 06 - Valença

Autor (a): Reynã de Jesus Bispo e Ráilan dos Santos Andrade

Colégio: Estadual Maria Xavier de Andrade Reis

Série: 3º ano

Município: Presidente Tancredo Neves

O desadormecer da resistência

EMPRESÁRIO:

Olhem só...
Olhem só!
Onde nossas mãos nos trouxeram... O que o passado jogou no chão...
Que declínio!
Nem corpo, nem alma...
Aqui só jazem fracassos.

(Um tiro ecoa.)

EMPRESÁRIO:

Maldição!
Minha alma sangra!
Sangro no mesmo chão que um dia comprei!
Tudo que suei, tudo que conquistei... Manchado, pintado, escorrendo carmim.
E já sei quem isso fez!
Sei, sim!
Sempre o mesmo...
Aquele que não trabalha,
Aquele que só quer do fácil,
Aquele que inveja,
Aquele que olha de canto, Aquele que torce pela minha queda... O PRETO!

(Zumbi ressurge.)

ZUMBI:

DE-SA-DOR-ME-CI!
Despedacei o sono, demiti a morte.

É meu nome que tua boca vomita em desprezo?
Indignação passa a correr em minhas veias.
Por que acusa o preto?

Teu dedo aponta...
Mas não é capaz de enxergar teu reflexo no espelho da história.
É fácil cuspir sobre minha cor,
É fácil culpar minha raça
Pelos pecados teus... Teus e dos teus!
Eu sou Zumbi dos Palmares.
Adormeci no dia 20 de novembro de 1695.
Traição, emboscada, decapitação e exposição da cabeça vieram a mim.
Séculos se passaram, mas tudo persiste.
Desigualdade é um monstro que ainda resiste.

EMPRESÁRIO:

Pecados meus?
Por favor... Lhe demos a liberdade!
E o que fizeram?
Criaram favelas,
Motins,
Tumultos,
Reclames por mais e mais!
Se nem o mínimo souberam segurar!

CULPA TUA, CRIOULO!
Suja minhas ruas com teu sangue... Infectado!

ZUMBI:

Minha culpa?
Me condena, opressor?
Canalha da nação!
Nos deram liberdade, sim...
Mas que liberdade é essa,
De mãos vazias e bolsos furados?
Nos libertaram da corrente, E nos jogaram no abismo!

Olhe ao redor...
Tantos pobres, e pouquíssimos com milhões,
Desigualdade que veste cada esquina!

A fome mastiga a carne dos inocentes!
Não é só minha cor,
É todo um povo sem pão,
Que colhe o vazio onde plantaram negação.
Sou fruto da persistência, você é resultado da forte negligência.

EMPRESÁRIO:

Eu?
Eu sou herdeiro do trono, Da banca e do poder.
Minha voz tem peso,
Por isso faço juízo,
Sou o mestre do saber.

Sua luta é só teatro, barulho, descompasso.
Sou construtor de grandes impérios.
E você, o que constrói, senão cansaços?
Você não é ninguém, é só ausência, impotência, é infecção.
Você é apenas morte, preto, e sua pele é luto.

ZUMBI:

Eu sou a resistência!
Sou barro, força de Quilombo de Palmares.
Também sou voz forte da Bahia,
Brado de Gilberto Gil e denúncia de Castro Alves,
Grito de Carlinhos Brown, ecos do Pelô,
Não me conhece, então digo quem sou.
Eu sou a resistência!
Na luta pelos meus, e minha pele é ancestral,
Brilha diante do sol, permanece imortal,
Não somos nós a peste,
Somos a cura da história,
O clamor que vocês tentaram silenciar!
Com punho erguido proponho intervenções que mudem o mundo ferido!

EMPRESÁRIO:

Intervenções?
Você, preto, vai continuar com suas alucinações?

ZUMBI:

Alucinações, não!
Intervenções, sim!
EMPRESÁRIO:
Mas com quais intervenções e como podemos mudar o mundo?

ZUMBI:

Reconhecer a dívida histórica com justiça e reparação,
Rompendo paradigmas que clamam por transformação.
Proporcionar educação de base com justiça racial,
Derrubando os muros invisíveis que tornam o preto desigual.
Valorizar a inclusão como semente de reconstrução,
Criando novos laços que geram frutos da união.
Dar ao invisível poder e posição social,
Abrindo caminho visto antes como área marginal.
Promover a igualdade de oportunidades,
Acolhendo diferentes vozes e valorizando as diversidades.
E com esse novo jeito de pintar o mundo
Dar vida à arte e cultura preta,
Riquezas de identidade e expressão,
Pois afroarte também é revolta,
Também é arma, Também é pão.

E com esse novo jeito de pintar o mundo
Dar vida à arte e cultura preta,
Riquezas de identidade e expressão,
Pois afroarte também é revolta,
Também é arma, Também é pão.

EMPRESARIO:

Desadormecido, Zumbi...
Agora desadormeci do sono que em mim foi lançado.
Então, adormecidos estão:
Meu sossego comprado,
Meu receio de perder vantagens,
Minha voz enterrada por falta de coragem.
De punho também erguido, Vamos mudar o mundo ferido.
Porque agora sei:
Sem Palmares na contemporaneidade, Nada desadormecerá de verdade.

ZUMBI & EMPRESARIO:

Cidadão é corpo político, é ação, é o Zumbi de hoje em plena formação.
Desadormeça para que o nosso povo não mais pereça!
DESADORMEÇA PARA QUE O NOSSO POVO NÃO MAIS PEREÇA!
DE - SA - DOR - ME - ÇA!

NTE 07 - Teixeira de Freitas

Autor (a): Karolayne da Silva

Colégio: Estadual Eraldo Tinoco

Série: 2º ano

Município: Alcobaça



Mulheres Negras

Ela não veio.
Foi arrastada
Sequestrada da terra da família
Colocada num porão escuro imundo
Ao lado de outras mulheres que gritavam sem serem ouvidas
Vieram nos navios negreiros
Estupradas, marcadas e negociadas
Não eram pessoas, eram cargas
Serviam para parir.
Para amamentar os filhos dos brancos
Enquanto os seus morriam de fome
Séculos se passaram, mas a dor ainda mora aqui
A abolição não trouxe liberdade, trouxe abandono
As mulheres negras foram jogadas nos morros, nas periferias
Hoje vivem cercadas de promessas
Mas promessas não pagam aluguel
Não botam comida na mesa
Não salvam o filho da "bala"
Elas escutam sobre "direitos" no jornal
Mas quando entram no hospital, a atendente vira o rosto
Quando tentam um emprego, dizem que não tem "perfil" de qualificação
Quando pedem creche, não tem vaga
Quando denunciam, ninguém acredita
Não é falta de lei
É falta de vontade
É falta de Estado
O filho dela saiu
Não voltou
Tomou três tiros: um no peito e dois nas costas
A farda que atirou disse que ele "correu", como se ser preto fosse sentença chorou
Fez reconhecimento no IML
Assinou o papel com a mão tremendo
Enterrou o filho com as próprias mãos
Voltou para casa com o silêncio mais pesado do mundo
E o mundo seguiu
Como sempre segue
Quando quem morre é preto

Ela usa turbante?
Riem
Dizem que é "moda ou fantasia" Fala de axé?
Apontam o dedo Chamam de
"macumbeiro"
Invadem terreiro
Cospem na fé que ela manteve escondida por séculos para não morrer
Prepara acarajé na rua?
Dizem que incomoda
Mas se um branco vender, vira "gastronomia afro"
Chamam de vulgar
Dizem que é "barulhenta" demais
Tudo que é dela, é atacado
Tudo que é dela, é julgado
Tudo que é dela, é roubado ou descartado
Ela não é símbolo?
É sim!
É força viva, é carne, caso e coragem!
É axé que não se apega e a fé que resistiu em silêncio
É trança que conta história, é turbante que levanta a cabeça
Ela cozinha memória, dança com os pés dos ancestrais e fala com a voz de quem veio antes
Tudo que é dela, é poder é Sempre foi
E sempre vai ser.



NTE 08 - Itapetinga

Autor (a): Sophia Alves Ladeia

Colégio: de Tempo Integral Anísio Teixeira

Série: 3º ano

Município: Potiraguá

Anomalia

Em versos inóspitos
Transcrevo meu lírico
Divagando na utopia
Do meu fascínio místico

Cada lágrima é um poema
E cada amor uma sirena
Onde ecoa nas profundezas
Da minh'alma que te almeja

Em uma ligação covalente
Uma brasa primal reacende
Aromatizada em meu paladar
Chocolate com morango a suscitar

"O bonito me encanta,
Mas o sincero, Ah...
Esse me fascina"
Declara nossa ilustre Lispector
Porém o apaixonado...
Esse sim que me ilumina

A tua fragrância impetuosa
Minha majestosa Arcádia
E nessa enérgica anomalia
Alia essa irônica harmonia

Aferra-me no mais obscuro do teu ser
Sob uma ardilosa faceta
Extinção da pura inocência
Ascensão da vasta experiência

"Uma sombra na brasa"
"Uma luz na chama"
"Um fogo na carne"
Uma sede que clama

Na penetração do teu olhar
Uma persuasão inerrante
Na magia do teu cativar
Uma hipnose inebriante

Ama-me
Honra-me
Protege-me
Vive-me

NTE 09 - Amargosa

Autor (a): Vitória Braz Cavalcante

Colégio: de Tempo Integral Nossa Senhora Auxiliadora

Série: 1º ano

Município: Jaguaquara



Porto Inseguro

Disfarçada de bonita
Venho lhe destruir
Fantasiada de prazer
Não vou lhe restituir
Sempre que me procurar
Eu irei lhe fazer rir

Não serei sua amiga
Mas sempre irei fingir ser
Durante suas agonias
Seu consolo posso ser
Mas nunca conte comigo
Quando mais me precisar, irei desaparecer.

Se sua mulher te deixar
Eu estarei aqui,
Se sua felicidade acabar
Também estarei aqui,
Posso ser o bom remédio
Que irá te fazer feliz.

Em suas noite de choro
Eu estarei em seu quarto
Em todo lugar me encontro,
Posso ser doce ou amargo.

No fim de tudo se lembre
Quando não tiver mais nada,
Nem mesmo dignidade.

Não me culpe na ressaca,
Você quem veio atrás de mim,
Você quem me recorreu,
Agora eu não valho nada?

Você quem perdeu o valor
Começando por esporte
Hoje termina na dor
Sua família não lhe quer
Nem mesmo sua mulher
E até seu próprios filhos
Já lhe atacam com rancor.

Agora eu lhe estraguei?
Você quem se entregou.
Não seja tolo, querido
A droga nunca lhe amou.
Cada gole e cada trago
Você mesmo calculou

Agora que fede a miséria,
Vem jogar a culpa em mim?
Tenha dó de mim, meu bem
Lhe avisei que não estaria aqui
Seja sincero consigo mesmo
E aceite logo sua sina
Tudo o que sobe desce,
Tudo que começa termina.

Lhe apresentei um mundo a parte
Onde tudo é mais bonito
Onde o vermelho dos teus olhos
Em breve será do sangue
A cada nuvem de fumaça
As consequências serão gritantes.

Seu cheiro já causa náuseas não se envergonha
disso?
Até eu já sinto pena
E nem fui eu quem causei isso

Não me sinto a culpada
Afinal, eu não sou mesmo
Aceite logo seu destino
Amor, não seja covarde
O seu mundo colorido agora virou desastre

Onde estão os seus amigos
Que te apresentaram a mim?
Todos foram embora, né?
E só eu permaneci.

Não me renuncie mais,
Agora você só tem a mim,
Hoje você fere o nariz iludido que é feliz
Se me deixares agora
Quem vai lhe fazer sorrir?

Me dê todo o seu dinheiro, sua vida eu quero em troca
Quem me prova nunca me esquece
Sempre vão lembrar de mim,
Seja com arrependimento ou ódio
Sempre terão o mesmo fim.

NTE 10 - Juazeiro

Autor (a): Maria Eduarda da Silva Mendonça

Colégio: CETEP em Tempo Integral Maria Almeida de Araújo

Série: 3º ano

Município: Juazeiro



Brasil do Século XXI ou XVI?

O Brasil do século XXI ou XVI?

A pergunta ecoa em cada esquina,
onde os corpos são vendidos e comprados,
onde o grito da dor não encontra abrigo.

Madalena, com 8 anos, foi jogada ao abismo —
a promessa de um futuro que se desfez no escuro.
38 anos de trabalho sem nome,
sem rosto, sem alento.
Escrava moderna em pleno século XXI.
Mas a dor não mudou:
o rosto da dor continua o mesmo.

Era século XVI.
Era século XXI.
Onde está a diferença?
Onde está a humanidade?

No Rio, Dona Maria, com 84 anos,
trabalhou por 72 — mas ninguém a viu ou ouviu.
Seu corpo foi usado como máquina,
sua alma, apagada e abusada
pelos anos de subserviência.

A casa era seu cárcere,
os donos, seus carrascos.
Setenta e dois anos de puro silêncio,
onde cada dia se arrastava como o anterior.

Era século XVI.
Era século XXI.
E ninguém — NIN-GUÉM — ouviu seu grito abafado.

No Sul, entre vinhedos e promessas de liberdade,
homens e mulheres chegam sem saber
que a terra é envenenada.

Não há trabalho — há escravidão disfarçada.
Seus corpos são forçados a servir
sem nome, sem documento, sem cara;
suas vidas são barganhas
que a terra engole.

Vinhedos que não dão vinho,
mas sim suor, sangue e lágrimas.
E enquanto as uvas amadurecem,
a esperança morre,
esmagada pelo peso da exploração.

Era século XVI.
Era século XXI.
A história se repete, o abuso continua
e o silêncio permanece.

Mulheres, como mercadorias,
são vendidas, arrastadas para bordéis —
vidas que se desfazem
entre promessas de liberdade
e a crueldade do tráfico.

Do Brasil para o mundo,
seus corpos viajam sem vontade.
Mas a dor não tem pátria,
a dor não escolhe fronteiras.

Mulheres, como mercadorias,
são vendidas, arrastadas para bordéis —
vidas que se desfazem
entre promessas de liberdade
e a crueldade do tráfico.

Do Brasil para o mundo,
seus corpos viajam sem vontade.
Mas a dor não tem pátria,
a dor não escolhe fronteiras.

Dez anos de tortura.
Dez anos de cativeiro.
Sua alma foi enterrada
sob os gritos das paredes.

Onde estava a liberdade?
Onde estava a justiça?

Era século XVI.
Era século XXI.
E sua dor foi ignorada,
silenciada como tantas outras.

O Brasil do século XXI ou XVI?
Onde as vidas humanas são mercadorias;
onde a exploração não tem vergonha de se esconder —
muito pelo contrário,
é a luz forte e brilhante que nos recusamos a ver.
Onde o silêncio é cúmplice
da dor e do temor.

Os rostos mudam.
Os tempos mudam.
Mas a escravidão continua a mesma,
com novas máscaras,
blindadas e reforçadas.

A história não foi enterrada —
ela respira, ela vive, ela grita.

E agora, as perguntas se tornam mais fortes:
“Será que podemos continuar a viver
nesse ciclo de horror e terror?”
“Será que o Brasil, tão grande,
vai calar para sempre a sua dor?”
“Será que poderemos viver
sem sentirmos temor?”

O século XVI não é passado.
Ele ainda está aqui:
nas sombras, nas cicatrizes,
nas vozes que ainda estão por vir.

Mas se não agirmos,
se não vermos,
se não ouvirmos,
o século XXI será somente um eco vazio,
repetindo os erros que nunca foram apagados.

E as vidas roubadas continuarão esquecidas.
A dor seguirá sem nome,
sem rosto,
sem fala,
e sem decoro.

O Brasil de ontem e de hoje
será apenas um espelho quebrado,
refletindo as cicatrizes de um povo
que escolheu virar as costas
e se tornar cúmplice
de seu extenso e eterno carrasco.

NTE 11 - Barreiras

Autor (a): Yan Souza Rego

Colégio: CETEP em Tempo Integral Santa Rita de Cássia

Série: 3º ano

Município: Santa Rita de Cássia



Onde morre a fé

Apontam o dedo antes de entender,
Xingam, expulsam, sem sequer saber.
Esquecem que a fé, quando é de verdade,
Não veste cor, nem tem idade.

Gritam contra o que não conhecem,
Tacam pedra onde orações florescem.
E o que era amor vira discussão,
Porque ninguém ouve o coração.

Tem quem se ajoelha diante do altar,
Outro que canta pra Ogum, pra Iemanjá.
Uns leem a Bíblia, outros o Alcorão,
E todos pedem: "livrai-nos do vão."

Mas ainda tem casa de reza invadida,
Terreiro queimado, alma ferida.
Gente expulsa do templo, do chão,
Por não caber na fé da multidão.

Na praça, uma jovem faz sua oração,
E riem dela como se fosse em vão.
Um homem canta ao seu orixá,
E ouve gritos: "vai se retirar!"

Um pastor prega amor no sertão,
E dizem que mente por profissão.
Um padre ajuda, dá pão e abrigo,
E é julgado por estar "no caminho antigo".

Ninguém mais pergunta o que a fé constrói,
Só procuram quem "peca", quem "dói".
Como se o céu fosse um prêmio exclusivo
E só um caminho levasse ao divino.

É fácil odiar quem é diferente,
Difícil é olhar e ser consciente.
Não é sobre certo, errado, poder,
É sobre deixar o outro viver.

A fé é chama, é laço profundo,
É o que segura quem perdeu o mundo.
Mas o preconceito rouba esse calor,
Transforma oração em dor.

Cansamos de ver crença ser proibida,
Fé sendo crime, alma ferida.
E enquanto isso, o ódio se espalha,
Como se o sagrado tivesse uma falha.

Mas toda fé nasce de uma esperança,
De alguém que busca, que ainda dança,
Que se apegue a algo maior do que si,
Pra continuar, pra não desistir.

Respeito não é favor, é ponte, é lei.
Se tua crença te salva, a minha também.
E antes de pregar tua salvação, aprenda a
respeitar o outro, irmão.

NTE 12 - Macaúbas

Autor (a): Lara Beatriz Souza Oliveira e Noé José de Oliveira

Colégio: Estadual de Tempo Integral do Campo de Ibipitanga

Série: 1º ano

Município: Ibipitanga



Desordem e retrocesso

Elis Regina um dia cantou:
“apesar de termos feito tudo que fizemos,
ainda somos os mesmos...” — e doeu.
até porque percebo:
a vida que eu vivo é melhor que a de 90% dos meus.

Pindorama era o nome dessa terra-mãe,
batizada pelos povos indígenas, antes do invasor chegar,
tupis, pataxós, xavantes, herdeiros da floresta,
hoje são tratados como se estivessem a invadir seu próprio lar.

Explorados, extorquidos, expulsos com violência,
vítimas do agronegócio, da exploração, da ambição.
enquanto garimpeiros envenenam rios com mercúrio,
crianças morrem de fome em terras sem proteção.

O governo posa em foto com cocar na cabeça,
mas corta verba, ignora a demarcação.
a terra Yanomami virou manchete em 2023 —
não por respeito, mas pela omissão.

“Verás que um filho teu não foge à luta,”
mas quem luta por nós quando a justiça é corrupta?
heróis sem capa, mães que choram em silêncio,
num país que promete paz, mas entrega sofrimento.

Há mais de um século, a Lei Áurea brilhou no papel,
mas o sofrimento não acabou de verdade.
o povo ainda sangra nas fazendas do Brasil cruel,
cantor milionário escraviza e sai ileso, que bela liberdade.

O sol da liberdade, tão cantado em nossa história,
não alcança os campos onde a dor é sem igual.
enquanto a corrente pesa, apagando toda a glória,
a riqueza de muito é extorquida no suor banal.

De 64 até 85, a farda sufocou a nação,
calou artistas, matou estudantes,
trocou liberdade por repressão.

Vinha o som da tortura por trás das paredes,
pau de arara, choques, corpos sem nome,
e o medo marchando pelas cidades sedentas de fome.

Mas tem político que diz, com sorriso no rosto,
que o erro foi "torturar e não matar".
quem é a vítima? quem é o herói? ninguém vai perguntar.

Dessa mesma boca, ouvimos:
"e daí? não sou coveiro",
enquanto milhões de pessoas morriam no Brasil inteiro,
o governo negava, zombava, indiferente,
ignorava a dor do povo, sem se importar com o que o povo sente.

Em 07/08/2006, nasceu uma esperança,
mas a dor não se apaga com uma simples mudança.
ainda há tanto medo, tanta repressão,
a mulher calada, silenciada em sua aflição.

A lei veio para proteger e amparar,
mas quantas vezes ela falha ao se aplicar?
as estatísticas gritam em um grito mortal,
enquanto o feminicídio é apenas mais um sinal.

A lei existe, mas a justiça é demorada,
e o que vemos são vidas ainda arrancadas.
Mariana, seu nome ecoa em todo o país,
mas o silêncio do sistema diz mais do que diz o juiz.

O que vale mais? A letra ou a ação?
se a dor ainda é a mesma, sem solução.
a cada dia, o abismo se torna mais real,
mas o silêncio nunca será o caminho ideal.

Nossos bosques têm mais vida,
mas ardem em chamas que ninguém acredita.
queimadas no Pantanal, Amazônia em agonia,
e o governo silencia, cúmplice da covardia.

A terra se despede, o céu se faz de luto,
a natureza, em ruínas, clama pelo absoluto.
o futuro se apaga, o progresso é ilusão,
enquanto o fogo avança sem nenhuma razão.

Sonhamos com mudanças, mas seguimos nos mesmos trilhos,
ecoando velhas lutas, sustentando os mesmos brilhos,
o tempo passa, mas a história pouco se desfaz,
e, apesar de tudo, vivemos como nossos pais.

NTE 13 - Caetité

Autor (a): Rayka Eugênia de Lima

Colégio: Estadual de Tempo Integral José Caires Araújo

Série: 2º ano

Município: Dom Basilio



Liberdade, Igualdade e Representatividade

Minha carta de alforria hoje se chama carteira de identidade,
carrego igual à minha guia, perto de mim.
Sair na rua sem ela é a mesma coisa que declarar o meu fim.

Quantos anos cê tem?
De onde cê é?
As coisas são mais fáceis por eu ser mulher.

Por eu ser mulher?
Se esqueceu que eu sou preta?
Meus antepassados morreram como escravos
pra que hoje, nas minhas mãos, eu tivesse papel e caneta.

Dizem que amam o meu black, é o que tá na moda agora.
Meu cabelo não é moda.
É símbolo de resistência e faz parte da minha história.

Vocês dão palco pra branco que diz o que a gente já cansou de dizer.
Batem palmas pra ela e "isso é mimimi" pra você.

Percebeu como é minha história?

Antes, dias de luta; hoje, caminhando aos dias de glória.

No dia que eu morrer, não quero choro nem pena.

Quero ser enterrada de verde, aos pés da sagrada jurema. No dia que eu morrer, não quero
choro nem nada,
pois quem me ama vai me ouvir quando eu bradar dentro da mata

NTE 14 - Itaberaba

Autor (a): Hugo Queiroz Silva

Colégio: Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas

Série: 3º ano

Município: Iaçú



Brasil Literário

E se escola rimasse
Com algo sensacional?
Igual coisa acadêmica
Virando-se estrutural?
Surgido aqui no Brasil
Em vinte e dois de abril
Período colonial.

As escolas literárias
Ou melhor, seu movimento!
Traziam consigo, embates
E formas dos pensamentos
De como se imaginava
E poesia se criava
Burilando sentimentos.

A primeira é informativa
Chamada de Quinhentismo
Com Pero Vaz de Caminha
E seus textos descritivos
Dos povos originários
Descreveu nossos cenários
Trazendo o catolicismo.

Adentremos o Barroco
Sucedendo o Quinhentismo
Com o Boca de Inferno
Trazendo seu pessimismo
Foi pura contradição
Entre a fé e a razão
Explorando o misticismo.

Esta próxima escola
Chamada de Arcadismo
Rebuscava a consciência
Através do bucolismo
Contemplando a natureza
Compreensão da beleza
O emergir do Iluminismo.

Dividido em três fases
Entrarei no Romantismo
Exaltando as emoções
Teor do idealismo
Como a humanização
Ou o fim da escravidão
E o sentimentalismo.

Com seus temas sociais
Criticando a burguesia
Entra agora o Realismo
Que descreve a hipocrisia
Oprimindo o escapismo
Contrapondo o Romantismo
Destruindo a fantasia

O Machado de Assis
Deixou claro o que escrevia
Não o que idealizavam
Mas sim como ele via
Realidade, mistério
Traição, adultério
Tudo isso em harmonia.

Com ideias científicas
Sem o sentimentalismo
O olhar mais biológico
Nasce o Naturalismo
Discutindo o social
E o mundo desigual
Através de realismo.

Rigoroso à escrita
Chega o Parnasianismo
Tendo a arte pela arte
Nele o perfeccionismo
Poesia tradicional
Distante do emocional
Com o objetivismo.

Sendo mais misterioso
Assonância musical
Vem agora o Simbolismo
Refletindo o espiritual

Vê-se o subjetivismo
Constitui em esoterismo
E em sobrenatural.
Contrapondo as ideias
Da escola simbolismo
Discutindo as misérias

Entra o pré-modernismo
Críticando a política
A transição estilística
O olhar do jornalismo.

Na escola modernista
Sendo mais coloquial
Destruíram o formalismo
Com o tema social
Como Jorge Amado fez
Construindo de uma vez
Um retrato nacional.

Indo ao pós-modernismo
Foco na expressividade
Vê-se nele a ironia
E a intertextualidade

Vozes negras, periféricas
Nos poemas são sintéticas
Questionando a realidade
E assim eu me despeço

Com um cordel literário
Discutindo a Educação
De um jeito igualitário
Remexendo no passado
Com contexto exaltado
Em nosso presente cenário.

NTE 15 - Ipirá

Autor (a): Murilo dos Santos Rios

Colégio: CETI Profª Terezinha Gonçalves Novais

Série: 2º ano

Município: Quixabeira



A ascensão da pureza

De longe ouvi uma canção:
"uma inelêça nossa sinhôra das Dô
a palma é de rosa, e a capela é de flô".

Por que o céu escureceu,
Sendo que a chuva da minha infância?
Foi uma nuvem passageira?
Porém deu pra molhar a terra

As luzes ambulantes da cidade se apagaram
Agora tudo explica o desespero das comadres
Em tempos de outono

As folhas caem,
Já é tempo de coroar os anjinhos
E não de quará a dor no Capim

Deixe-me em paz, chorinho abençoado, Não é
porque eu não lamentei tua morte Que eu
preciso pagar tuas lágrimas
aos credores Celestiais,
Apenas escuta e atende o teu chamado.

Comadre Arlinda na janela está entoando tua
entrada nos portais da glória
Eu digo que a cova funda
Pra um anjo que vai adentrar os altos céus.

Não te vejo
mas choro tua morte neste poema trevoso.

Que poeta atormentando sou eu Pela vida da
imagem pura

Cante, comadre Arlinda, Cante:
"E vem a barra do dia E vem a barra do mar
E vem dois anjinhos do céu
que vêm pra te acompanhar".

Não cante mais Já anoiteceu.

NTE 16 - Jacobina

Autor (a): Ingridy Lima Silva

Colégio: CETI Ernesto Carneiro Ribeiro

Série: 3º ano

Município: Saúde



Gritos Calados

Negrinho favelado, todo suado, com a farda rasgada, 00:00 voltada pra sua quebrada. Foi morto por policiais que faziam uma operação. O menor era firmeza, menino bom de coração, trabalhador, mas infelizmente 20 tiros "perdidos" lhe acertaram. Ou quer dizer, é isso que os policiais falam: que 20 balas "perdidas" acertaram aquele cara.

Mais uma família hoje chora: uma mãe desesperada e um pai desapontado. Seu filho sonhava em ser jogador ou talvez um empresário e, ali naquela noite, todo sonho foi ceifado. Desarmado, foi pego de surpresa logo assim que virou a esquina e foi acertado na cabeça.

Essa história na favela, infelizmente, é muito comum. Hoje morreu esse; semana que vem morre mais um. Aquele carro fuzilado: será que eram inimigos do estado? Se você for pesquisar pra saber, era só uma família indo para um chá de bebê. Esse é apenas um dos vários casos divulgados na internet. Eles dizem que foi engano, mas nunca erram o tom de pele de quem eles estão atirando.

Vários casos são registrados; hoje foi o Vitor que foi algemado, torturado e morto quando estava efetuando seu trabalho. Morto pelo simples fato de ser preto e sofrer desde o berço por um crime chamado racismo e preconceito. Morto por aquele que devia lhe proteger; mas como você vai ser protegido por eles se o alvo deles é você?

Silenciados! Quantas famílias já não tentaram gritar e tiveram seus gritos abafados? Quantos casos foram escondidos pela mídia? É que o estado não quer demonstrar seu lado racista; escondem os casos de racismo e mantêm sempre os brancos na mídia. É fácil esconder quando a bala perdida não acerta ninguém da sua família.

NTE 17 - Ribeira do Pombal

Autor (a): Inara Voz da Silva

Colégio: Educandário Oliveira Brito

Série: 2ºano

Município: Euclides da Cunha



Não sou cenário, sou gente

Não vista minha seca de ouro,
nem pinte meu prato vazio com tinta de festa.
Não enfeite meu fardo com palavras doces,
quando o peso dele me entorta as costas.

O que você chama de resistência,
eu chamo de fome calada.
O que você canta como beleza,
é a dor que a gente engole sem água.

Sou nordestino, sim, com orgulho e luta,
mas não me use como troféu no seu edital.
Não sou cordel decorativo na parede,
nem o suor que enfeita o palco cultural.

Minha vida não é poema pra agradar plateia,
nem dança pra arrancar aplauso fácil.
Sou carne, sou osso, sou sangue seco no chão rachado.
Sou história viva que não cabe em romantismo barato.

Não me venha com arte que encobre injustiça,
com sorriso ensaiado sobre miséria real.
Quer mostrar meu povo? Mostre a verdade:
a mão calejada, o prato vazio, o sonho censurado.

Se for pra falar de mim, fale com respeito.
Não me use, me escute.
Não me pinte, me levante.
E lembre: dor não é arte, é denúncia.

Não encene a miséria que você nunca viveu.
Não transforme minha ausência de pão
em espetáculo premiado pra agradar comissão.
Minha dor não é figurino,
meu vazio não é roteiro.

Vocês erguem maquetes sobre nossa falta,
desenham sorrisos onde só há cansaço,
e chamam isso de homenagem.
É maquiagem em cima da ferida,
verniz sobre a fome.

Enquanto meu povo racha o chão com a sede,
vocês imprimem banner com frases de impacto.
Enquanto a panela chia de ausência,
vocês recitam versos sobre “resiliência”.

Mas o que vocês chamam de arte,
é apropriação disfarçada.
É prêmio em cima do pranto.
É projeto financiado pelo sofrimento alheio.

Se querem mesmo fazer algo,
troquem a encenação por ação concreta.
Campanhas, doações, mobilização —
não exposições.

A cultura do povo nordestino é viva,
é luta, é história, é grandeza.
Mas usar a dor como decoração de feira?
Isso não é arte. É abuso com moldura.

Meu povo não é tema.
É sujeito.
E exige respeito.

NTE 18 - Alagoinhas

Autor (a): Eleylson Paulo Alves Simões

Colégio: Estadual Simone Simões Neri

Série: 3ºano

Município: Inhambupe



Torto Arado

Na casa de barro e chão rachado,
Bibiana e Belonísia, sangue marcado.
Irmãs que andam no mesmo caminho,
Mas uma fala, a outra é o silêncio sozinho.

Belonísia, muda, escuta a terra falar,
com olhos que guardam o que o vento quer contar
No corpo dela, a dor calada insistem em ficar,
mas é na terra e no silêncio que ela aprende a se afirmar.

Bibiana quer o mundo além da roça,
quer palavra, ensino, não só moça que pisa na lama,
que carrega o sofrimento,
mas a que escreve a própria voz e pensamento.

Água Negra guarda segredos antigos,
o cheiro do mato, dos rezos e perigos.
O arado é torto, mas fura o chão,
com as histórias que nascem do coração.

O rio corre com sangue e com pranto,
leva corpos que a terra guardou tanto.
É testemunha muda, segredo profundo,
leva a memória, atravessa o mundo.

Na luta por chão, as vozes se cruzam,
entre silêncio e grito, as mãos não se recusam.
Porque o torto arado, mesmo sem direção,
rasga a terra dura da opressão.

NTE 19 - Feira de Santana

Autor (a): Thaline Silva Leandro
Colégio: Estadual Teotônio Vilela
Série: 3º ano
Município: Feira de Santana



Dor não contada, culpa mascarada

Na escola eu aprendi que quem descobriu o Brasil foi um cara chamado Pedro Álvares Cabral
Desde então nos tornamos pátria amada Estuprada
Desde 1500 a gente é violentada
Eu tenho medo de andar na rua
E o menor dos meus problemas é ser assaltada Quantas de nós cabem em um boletim de ocorrência?
Quantas ainda vão ter que ser vítimas de violência?
Violência contra mulher não cultural. É criminal.
Mas vai dizer isso pro juiz que disse que o titio só estuprou porque a menina de 9 anos provocou.
Toda mulher conhece o medo. Nesse mundo cercado por abusador, a maioria de nós desde criança conhece o horror.
Ele não era desconhecido. Ele tinha rosto. E era amigo.
Ele era amigo da família. Ele era o tio, o padrasto e o vizinho.
Aquele que dava balas e brincava de cavalinho
Ele tinha sorriso doce e cheiro bom
Mas quando ninguém olhava, o toque queimava
E com voz mansa ele falava: "não conta pra ninguém.
Vai ser o nosso segredinho".
A menina engolia o choro e deixava o segredo sufocar
Enquanto via de pouquinho em pouquinho a sua infância desabar.
Quando conseguiu voz pra gritar
No tribunal ouviu dizer
Que o crime prescreveu Já não se tinha nada a fazer
Mas trauma não prescreve.
O monstro segue livre
E a justiça? Continua cega.
Toda mulher conhece uma mulher que foi abusada, mas homens nunca conhecem o abusador

Não estamos seguras em lugar nenhum
E a educação que deveria se tornar nossa arma de libertação
Torna-se também uma prisão
Porque ele fechou a porta da sala
Sorriu como quem não faz mal
A mão pousou no ombro, desceu devagar
Dizendo: "você é muito especial"
Ela congelou
De repente, a saia ficou curta demais
O uniforme parecia um erro
O nó se fez presente na garganta
Mas ela contou
Para mãe, para amiga, para escola
A resposta veio curta: "Você deve ter entendido errado".
"Ele é um professor respeitado".
"Não vamos destruir a carreira dele por um boato".
A direção, então, lavou as mãos
E ela?
Ela chorou no banheiro
Mas ele continuou na sala
Porque um diploma vale muito mais do que um trauma.
Toda mulher carrega uma dor não contada, mas os homens ignoram a culpa mascarada
Calma! Vocês pedem calma!
Enquanto vocês pedem calma.
A gente pede pra não morrer.
Vocês choram quando morremos, mas se calam quando imploramos pelo direito de escolher.
Vocês chamam de tragédia e eu chamo de rotina.
São 140 mulheres mortas por dia.
Vocês dizem que o amor não dói e eu conheço cicatrizes que discordam.
Ele dizia que a amava, mas seu amor vinha com socos
O primeiro foi "sem querer", O segundo foi "por merecer"
Depois, ela perdeu a conta de quantos tinham sido
Queria desabafar, queria chorar
Mas pra que amigos, se ela tinha seu marido?

Ninguém vai te amar como eu e por isso você não sai de casa com essa roupa curta e decotada.
Ele dizia "se não for minha, não será de ninguém",
Como se ela fosse coisa e não um alguém.
Ela escondeu os roxos, usou base, óculos escuros,
Roupas compridas e desculpas esfarrapadas

Até que um dia não deu tempo de esconder
Porque o soco virou faca
E a briga virou caixão
Agora a discussão era pra saber
Se ela deveria aparecer na manchete da TV, como
"mulher se suicida com 20 facadas nas costas em SP" A mãe chorou e perguntaram porque
todo esse sofrimento Quantas mulheres cabem dentro do seu minuto de silêncio?
Quantas mais vão ter seu fim em um relacionamento?
Não é amor se te fere, Não é lar se há terror.
Toda mulher é gigante,
Mas nenhuma nasceu pra sentir dor.
A Lei Maria da Penha está em pleno vigor. Não veio pra prender homem, mas punir agressor.
Se você chama o feminismo de exagero, então ainda não ouviu o grito das que morreram
sem voz.
Daquelas que foram caladas e silenciadas por seu algoz.
O que se pode esperar de uma pátria violada, invadida e saqueada?
Ainda ontem estudantes de medicina estavam cantando na torcida, com faixinha colorida
à musica proibida: ENTRA PORRA; ESCORRE SANGUE. Gritam como se fosse normal.
Isso não é brincadeira. É cultura do estupro disfarçada de besteira.
É no sorriso sujo do futuro médico que a gente vê. Que nenhuma mulher estará segura
nas mãos desse ser.
E enquanto ele ri, a dor dela nunca vai ter perdão, pois o titulo dele é escudo, e o
dela condenação.
E pode passar o tempo que for, ele ainda vai ser chamado de doutor.
Nascer mulher nesse país é viver a sombra do perigo.
Em casa o marido nos mata No trabalho o chefe assedia
Na escola o professor se aproveita
Na balada batizam nossa bebida
Na rua, o estranho nos segue
Ela saiu de casa com medo
Ele saiu de casa com sede
Ela andava rápido
Ele sorria no escuro
Ela lutou
Ele bateu
Ela disse não, ele insistiu
Ela chorou, ele riu
Ela fugiu, ele seguiu
Ela morreu
O mundo seguiu

E no jornal saiu
Morre mais uma vítima de feminicídio no Brasil
Mas meu corpo não é alvo. Minha pele não é aviso.
E meu sangue não é estatística.
E eu repito: toda mulher conhece uma mulher que foi abusada, mas homens nunca
conhecem o abusador
Vítima!
Desse sistema eu também sou.
Patriarcal. Machista e opressor.
A culpa é sempre nossa e nunca do agressor.
O que vestia? O que fazia? Porque estava na rua a essa hora sozinha?
Não estamos seguras em nenhum lugar
E a sociedade nos culpa por isso.
Nos dizem para cobrir, calar, recuar.
Mas nunca dizem a eles para parar
Enquanto o mundo ignora e silencia. Ela corre. Reza. Se esconde na agonia.
Nos becos, nas casas, nos campos e nas periferias
A cada tapa, a cada palavra de ódio, a cada morte disfarçada de amor.
A culpa também é sua se você nega a dor, ignora o peso da história, e esquece o sofrimento
das que lutaram por memória.
Que nenhuma mulher nunca mais seja estuprada.
Que toda história seja lembrada.
Que nenhuma de nós seja mais assassinada.
Que cada lágrima se transforme em um grito.
Que cada nome esquecido vire revolução.
De Maria da Penha a todas as sem nome,
Tantas que não puderam resistir,
Mas o sangue delas não será esquecido, vai persistir.
Por cada mulher que sofreu nas mãos de quem devia proteger,
O feminismo vai gritar até o mundo entender
Não somos as princesas da história, somos as revoluções que vocês temem.
Vamos destruir os muros, rasgar os padrões arrogantes.
Porque a luta é nossa, é de todas, e nunca mais será calada.
A violência não vencerá, porque a revolução está armada
Que trema a mão que levantou contra mim.
Porque eu ainda estou aqui.

NTE 20 - Vitória da Conquista

Autor (a): Alessandra Soares Santos

Colégio: Estadual do Campo de Educação Integral

José Gonçalves

Série: 1º ano

Município: Vitória da Conquista



Na carne, o açoite

Dizem que sou forte,
Feito pau de aroeira,
Mas ninguém vê o choro
Largado na estribeira.

De noite sozinho,
Pensando em morrer
Com o corpo doído,
Sem ter o que comer.

Minha alma cansada,
Já nem quer lutar,
Mas meu sangue quente
Não me deixa parar.

Os dias são sombrios
É a mesma judiação
Trabalho até o osso,
Sem ter nenhum tostão.
No tronco, eu grito!
Sem ter voz nem razão
Com os olhos atemorizados,
Mirando a imensidão.

O sol torra o meu couro,
Então vem o feitor danado
Balançando o chicote,
No meu corpo profanado!

- Negro preguiçoso!
Grita o feitor sorrindo,
Enquanto o couro desce
Sinto um estalo felino.

É a ferida abrindo,
É a carne rasgando,
É a alma gritando,
É o corpo se entregando...

Eu só penso em fugir,
Correr para bem longe,
Mas a corrente pode pungir
E o medo me esconde.

Então o senhor me chama
Rindo com desdém,
Esse ciclo vicioso,
Que me destrói também.

Vai, negro!
Trabalha sem ver o amanhã!
A tua família me pertence
Já não tem mais a sua irmã.

Não chore se corroer
Rasgando é que amansa,
Chibatadas não irão doer
Minha sede não se cansa.

Fiquei como mudo
Com nó na garganta,
Porém por dentro,
A revolta se levanta.

Queria muito cuspir,
Escarrar na cara desse senhor,
Mas só posso explodir
Sangue, suor e pura dor.

Cada palavra dele me espanca,
E me rouba um pedaço
Porque o ódio é como semente
E eu sou apenas espinhaço.

Não aguento mais,
Esse mundo sem alma,
Onde o negro se curva,
E o branco se acalma.

Entre pontapé e açoite
A minha voz ecoa sofrida
Na escuridão dessa noite
A minh'alma é pura ferida.

Mas se essa voz não resistir,
Que meu coração fique firme
Clamando nessa terra,
E que o céu me purifique!

Sou negro, sou escravo
Será que não tenho significado?
A minha dor grita muito alto.

Liberte-me desse enfado!
Quando Deus me escutar
E me livrar dessa indignação,
Clamo apenas que me leve
Ou que me dê libertação!

NTE 21 - Santo Antônio de Jesus

Autor (a): Gustavo da Conceição dos Santos

Colégio: Estadual Drº José Marcelino de Souza

Série: 3º ano

Município: Nazaré



Tudo começa na favela

Nas ruas sem asfalto, entre os becos e vielas,

Pulsa o Brasil que resiste, tudo começa na favela.

É o braço do negro que ergue a cidade, mas cenário que ele vive, reflete a infeliz desigualdade.

Quando chove por aqui, o desespero toma conta e a lama invade o lar, é uma casa soterrada, e uma mãe de família chorando sem saber onde morar.

O Racismo Ambiental tem nome, idade, endereço e cor. Porque ele só atinge o pobre, preto favelado, a criança e o trabalhador.

Chamam de avanço, dizem que é glória, mas ninguém nunca ouve quem realmente sofre nessa história.

É na favela que se brilha, que inventa e se refaz, é o berço da cultura, do funk, do rap, da fé e da paz.

Porém, precisamos lembrar que Elza Soares canta que "A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO, É A CARNE NEGRA", estamos falando da carne marginalizada, a carne feita pra SUPORTAR.

É ela quem mais apanha, quem mais sangra, é a dor que ninguém quer enxergar.

A cor do "pecado" é o preto retinto, militante e favelado! Estamos falando do Brasil, o país do futebol, do samba, do cinema e do proletariado.

E o samba nasceu no toque do couro, na palma da mão, no batuque ancestral. É ele mesmo que tem raça, sangue e cor, e seu repique é social.

É a voz ancestral de um povo que nunca se cala, Laroyê, senhor Exu, dono da voz, do movimento e de toda minha fala.

Os Orixás dançam, lutam, e protegem nosso chão. Mas vêem o sofrimento do seu povo sob a mira da polícia que propaga a opressão.

Por isso levantemos, irmãos e irmãs, pois quem construiu jamais pode ser apagado.

Quando perguntarem "o que é a cultura do Brasil?", digamos sem medo que é a luta, é a garra, a reza e a fé, é um povo que vibra, e as vozes que ecoam que é dentro das nossas favelas que a gente tá de pé!



NTE 22 - Jequié

Autor (a): Felipe Braz dos Santos

Colégio: CETEP Médio Rio das Contas

Série: 3º ano

Município: Ipiau

Raízes Negra: Ela me dizia chorando

Mas um dia estou aqui presente.
Protestando nesse lugar, no sol quente.
Uma coisa eu preciso gritar.
O sol pode queimar como inferno, ardente.
Mas eu prefiro queimar, do que ranger os dentes.
Como minha bisavó, morreu inocente.
Ela correu, pólvora subiu, tiro de fuzil.
E minha sábia velhinha partiu.
Mas sua história prosseguiu.
E hoje eu, seu neto, está aqui, ardil.

Uma vítima, filha de escrava.
Sozinha dentro da senzala.
Nas suas histórias contava, abusada.
A gota de sangue que dela era tirada,
Escribas usavam para escrever belas cartas.
Dizendo: Rei, está tudo bem, todas caladas.
Enquanto vozes roucas, gemiam desesperadas:
- Meus dentes estão limpos, mestre.
- Eu só quero um copo d'água.
Mas é claro, eles não viam nada.

Outro dia, ela acordou gritando.
Assustada, pensando estar levando chicotadas.
Com seus olhos tremendo e chorando.
Desesperada e correndo desnorteada.
Eu gritei: -Bisa! Ela respondeu com pavor.
- Não me deixe! Não me deixe sozinha! Nem por um minuto peço esse favor.
Uma gota de ódio bem fria.
Escorreu do meu rosto com dor.
Imaginar como preto é sofredor.

Antes de partir, ela também disse.
-Como era o rosto do homem que amei?
- Foi decapitado pela mão do próprio Rei.
- Ele estava fraco, doente e cansado, chorei.
Sobre minha mãe, morreu espancada.
Foi comprada, tentou fugir, porém assassinada.
E só de pensar, isso é apenas uma jornada.
Para atualidade: história ultrapassada.
Mas para mim, marcas nunca apagadas.
Nada cobre farpas ancestralizadas.

E, como eu disse, não vou parar!
Afinal ela me contou dores, até descansar.
-Será que você não pode gritar?
Lembre, nosso sangue estava lá!
Hoje pisamos nesse chão de poeira.
Porque negros pisaram na madeira.

Do chão de navios Negreiros.
Onde grito nem era apelo.
Mas dizem que isso é desespero.
Desespero foi o que minha bisavó sentiu, medo.

Biza, esses dias estava sentada na escada.
Cabelos arrepiados, perninha balançava.
Começou a suar e tremer de repente.
A tremedeira não parava.
A tremedeira não parava.
A tremedeira não parava.
A cadeira de balanço estava toda entortada.
Isso foi quando criança, histórias me contava.
Eu pegava esse diário e escrevia.
Até mesmo a minha mão tremia.

Dona Maria, o nome da flor.
Flor que hoje não decora nem buquê.
Seu perfume com o tempo acabou.
Para te falar verdade nem sei o porquê.
Como Chico Buarque dizia,
E eu nunca entendia: "É uma cova grande pra tua carne pouca, Mas a terra dada não se abre a boca."

Um tom limpo, rasgado, ela foi.
E mais peles 388 anos, se foi.

Ela tinha carne? Tinha! Ela tinha olhos? Via!
Ela tinha boca? Ria!
Ela tinha lágrimas vazias.
Assim como Dom João III, ela mandava.
Ele em sua pequena vida.
Ela nem na sua barriga.
E ouvir hoje em dia: "não aconteceu nada".
Várias velhas sacudidas como dejetos.
Lembrando, Maria foi só uma, certo?

Quero ver só fotos dela,
Não vou acender velas.
Falar histórias belas,
Eu sei parece trela.
Ah, é prazer Balbino, apenas um senhor.
Vivo só resquícios, de povos de dor.
Entre filhos, nomes e apresentações.
Lembrei de uma breve lei, DUDH.
Lei De Planejamento Familiar.
Artigo 16, será que a Maria ouviu falar?

Lembrei o que ela ouviu! Servidão.
Cativo, negrinho e submissão.
Trabalho forçado, escravo e sujeição.
Condição análoga de escravidão.
Mas ainda bem que em 1888: a abolição.
Acabou o desespero e dor.

Quem disse? Eu estou sonhando.
Já são 2.000, o policial apontou na minha cabeça.
Mas ainda bem que estou vivo,
Para dizer, o que ela me dizia chorando.

NTE 23 - Santa Maria da Vitória

Autor (a): Evily Mendes Ribeiro

Colégio: Estadual Leonidas de Araújo Silva

Série: 3º ano

Município: Tabocas do Brejo Velho



Flores em chamas

Hoje, ao despertar Observei ao redor...
Meus jardins, outrora floridos
Se desmancharam em pó.
Vejo um mundo quebradiço
Que aos poucos se despedaça,
Que larga seus filhos perdidos,
Jogados em plena praça.

Suas crianças chorosas
São corroidas pelo tempo,
Pequenas vidas lastimosas,
Que padecem de tormento.
Os gritos suplicantes,
de quem dá felicidade é cativo,
Seres tão semelhantes,
Que anseiam por estar vivos.

O medo iminente
Os persegue sem pressa,
E mesmo que tranquem suas portas,
Ele entrará pelas frestas.
Os sonhos morreram,
Não são mais cultivados,
E fecharam seus olhos,
Continuaram calados.

A fumaça até se dissipa, Mas o caos
permanece... Quanto mais suportarei?
Não ouvirão minhas preces?

Minhas lágrimas sobrevêm
Em uma nascente natural...
Até quando continuarei
Padecendo desse mal?

Os nativos são mortos,
Foram apagados.
Uma queima de arquivos
Para qual não há acusados.
Meus rios foram poluídos,
Meus filhos são descartados,
Minhas ervas já não brotam,
Estamos sendo dizimados.

A saudade em mim fez morada
Quando de longe avistei
Morto, em uma gasta calçada,
O bebê que criei.
O céu escureceu,
E eu só pude gritar,
E debruçada sobre o seu corpo
Só me restava chorar.

E não há poema ou poesia
Que transmita a minha dor,
Quando se fazem surdos
Diante de meu clamor.
A sua ganância mundana
Ainda há de os destroçar,

As suas vidas são efêmeras,
Vocês vão expirar.

Machucaram seus filhos
Na busca pelo poder,
Mas ele não lhe será útil
Quando vierem a falecer.
As suas carnes apodrecerão
E vocês não irão mais existir,
E ainda que tentem me matar,
Continuarei aqui.
Mas... Ainda que eu renasça,
Eu não quero morrer...
Meus filhos querem brincar,
E a semente, nascer.
Minhas florestas são queimadas,
A terra está a secar,
E árvores sem raízes
Não podem frutificar.

Seus filhos choram sangue,
Transpirando medo e fei,
Causaram seus próprios declínios,
Dizendo que é a ira dos Céus.
Tingiram-me de vermelho,
E não querem limpar,
São como anjos da morte,
Que matam para lucrar.

O planeta arderá em chamas,
Um cemitério de ossos,
Vocês serão extintos
E só restarão os destroços.
Ignoram a carnificina
Que assola esse maldito lugar,
É uma piscina de sangue
Na qual estão a banhar.
A realidade lhes bate à porta,
E lhe negam a entrada,
Esperando que ela desapareça

O planeta arderá em chamas,
Um cemitério de ossos,
Vocês serão extintos
E só restarão os destroços.
Ignoram a carnificina
Que assola esse maldito lugar,
É uma piscina de sangue
Na qual estão a banhar.
A realidade lhes bate à porta,
E lhe negam a entrada,
Esperando que ela desapareça
Por alguma velha estrada.
Nas esquinas do esquecimento,
Meus filhos estão a chorar,
Derramando todo o desespero
Que os fizeram passar.

Não há noite que se passe
Sem que possa escutar,
As súplicas de meus filhos
Que não puderam se salvar.
Clamando e implorando
Pela sua proteção,
Vocês que os mataram
E os lançaram na prisão.

Até quando... Filhos meus...
Iráo me machucar?
Não moram junto a mim?
Não sou o teu lar?
Por que, filhos meus,
Não podem parar?
É preciso tanta morte
Para que possam governar?

NTE 24 - Paulo Afonso

Autor (a): Laila Nunes da Silva e Laina Torres Batista

Colégio: CETEP Itaparica II Wilson Pereira

Série: 2º e 3º ano

Município: Paulo Afonso



Pátria Amada

Leis visam sua dignidade humana

Mas leis também podem dar a um país o conceito de necropolítica e políticas inumanas

Decretos de atos que em conjunto realizaram a erradicação da democracia

E em uma escala de minimização de ações, iniciaram o projeto: *"corpos ausentes, memórias presentes"*

Você lembra?

1968, sexta-feira 13, inicia-se o ato institucional número 5

O qual os direitos políticos foram cessados e o regime militar teve passe livre para repudiar parlamentar

Ditadura Militar

Que permitiu a caça aos seres humanos abertamente

Dando liberdade de opressão e retirando qualquer índice de liberdade de opinião

Corpos foram mutilados

Artistas silenciados

Inocentes dilacerados, importunados e reprimidos

Dores inigualáveis da mais pura tortura

Algemados por desacato: O não acatamento a figura inerte;

Faltar com respeito ao fardado militar, que como resposta assassina a sangue frio o pobre homem que só queria declamar

"Desacato"

Desacato é ser calado a força

São corpos dispersos no mar

É o nome riscado, o sangue pisado

É a pátria matando quem ousa amar

Desacato é o pai sumido, o filho morto e a mãe sem conforto

Desacato é deportar um inocente, pelo simples ato de se expressar

Desacato é esconder sua poesia na alma e nunca sentir o prazer de recitar
Desacato é ver que esta nação, nomeada de uma árvore tão rara
Fez de outro galho a execução do que deixou inúmeras famílias desoladas
De pau-brasil à pau-de-arara
A madeira servindo ao corte e a morte aos que não tem sorte
Suas bocas ardentes cheias de sal e ácidos químicos que queimavam sua pele com a mais
dor infernal

Nem o direito de morrer lhes foi concedido
Atestados de óbitos perdidos, e pais que esperam a confirmação do destino dos seus
filhos
Identidades negadas e certidões que nem ao menos foram constadas na conta desse
genocídio
Somente 434 vítimas RE-GIS-TRA-DAS
Mas e a vítima "pátria amada" que se tornou armada para defender sua casa?

Estupro
Em um país tão avançado, o estupro era legalizado
Corpos objetificados por prazer e tortura, com a simples desculpa de que não se deve
bater de frente com a ditadura
Sua luta, sua conduta, suas desculpas fajutas
Todas engasgadas por homens de armaduras
Seus rastros não mais encontrados, sua dor não mais justificada, *ditadores com nomes nas
placas* e seu choro cessado por súplica
E mais uma mãe enterra seu filho em sua lápide escrito: Morte por decreto, sem corpo e
sem culpa

Por 21 anos fomos calados, machucados, censurados, mortos, exilados e barbaramente
TORTURADOS e você apoiando um ignorante que diz que o erro da ditadura militar foi não
ter matado?
Então lembremos dos exilados, dos desaparecidos, dos sobreviventes sob o jugo
implacável
Porque eu sinto no sangue que percorre em mim
Rubens Paiva, ainda está aqui!
Alex de Paula, vive!
Joaquim Ferreira, existe!
José Almeida vaga a história que insiste em apagar
Mas não somos nós os políticos com doutrinas não sedimentar

Afinal, com quantos mortos se faz uma democracia?
Se me negligenciam por dar vida à cultura e confundem com imoralidade
Com quantos mortos se faz uma democracia?

Se me censuram por escrever, me torturam por resistir e me julgam por profanidade
Com quantos mortos se faz uma democracia?!

É preciso saber que não se constroi liberdade em cima de um amontoado de cadáveres
E...Cuidado, meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram
E o sinal está fechado para nós
Que somos jovens!
Então me responde, com quantos mortos se faz uma democracia?

A ditadura antes matar, humilha
Assassina o que mais brilha em você
O meu amor foi embora para nunca mais voltar
Na dor das torturas ele se perdeu e não volta ao que era seu corpo, mente e dignidade
"A luz de uma família e a paz de um lar que a ditadura militar foi capaz de tirar e matar a sangue frio"
Ele foi embora em Janeiro, passei anos em sua busca
Choro
Indagação
Mais choro
Delegacias
DOI-CODI
Choro, mais choro
E por fim, a temida, aceitação
Obrigada a me reinventar e traçar um novo futuro para mim
Sua vida sendo a lembrança mais vívida da minha mente desde sua partida
Se tornou o fruto de uma nova esperança

Desculpa,
Antes de tudo, preciso avisar
Este poema foi parcialmente censurado, se publicado nos tempos do descaso
As palavras ditas foram consideradas...
Ofensivas...
Opressivas...
Subversivas...
ARTÍSTICAS demais

Mas aqui estou eu, caro público
A arte se faz presente, e o artista não morre se suas palavras não mentem

Em tempos em que a arte foi barrada, a repressão priorizada e a violência normalizada
Corajosa é a pessoa que crê em um amanhã sem dor

Prenderam Rita Lee por não cantar o que prestasse
Exilaram Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil pois só falavam o que não sabiam
E censuraram tantos outros artistas só por não coincidirem com o momento da nossa
TÃO LINDA E ORGULHOSA HISTÓRIA!

Mas se a verdade tivesse forma, ela viria com meu rosto inchado, meu corpo exausto,
meus olhos cansados e minha memória viva

Eu morreria como um símbolo de resistência, e mais do que isso, eu viveria sem
desistência de cabeça erguida

Tocada em todas as partes que você conseguir imaginar ter

Violada como humana e também como ser

Eu tinha filhos que me viram em tal estado de espírito esmagado

Meus lábios imploraram socorro, mas meus ouvidos só ouviam os estalos

No rosto, nos seios, no corpo

E eu morro, eu lentamente, morro

Eu fui carne rasgada entre fardas e marchas

Mãe! Filha! Mulher!

Voce consegue me ouvir? Me sentir?

Eu era um ser humano, ser vivo, ser qualquer!

Reduzida ao silêncio enquanto me faziam de prato sem defesa sequer

Eu não sou mais um registro esquecido

Eu sou a ferida aberta na história de um passado mal resolvido

Eu morri mil vezes naquele quarto trancado, gritos calados e mais suspiros abafados

Eu sou mais do que um corpo, e me afundam em seu poço de desgosto

Eu sou parte da pátria amada e não da pátria armada!

Me ouve, me sente, me vê!

Não me cale, antes que seja tarde!

Me escute, maldito país de memória covarde!

Eu sou Maria Amélia de Almeida Teles, e eu jamais serei esquecida, mesmo em meio a
tantas lembranças enfraquecidas

Eu sou a resistência e o verdadeiro significado de vida e luto em justiça por todas as
vozes perdidas .

Pai, afasta de mim esse "cale-se"
De gritos e choros por misericórdia
De poesias asfixiadas
Esse cálice de vinho envenenado e esse "cale-se" de censura impregnado
Mesmo calado a boca resta o peito, silêncio na cidade não se escuta
"1973, estudante da universidade de Brasília Honestino monteiro Guimarães
DESAPARECIDO!"

Cale-se!
Mataram minha mãe em praça pública e minha irmã estava na mira de um fuzil
Cale-se!
Meu pai foi entregue em nome do tão amado Brasil
Cale-se!
Democracia ASSASSINADA
CALE-SE!
Filhos oprimidos, arte desvalorizada, vida terminada, opressão divina...
Minha voz? Não escutada
Quero inventar do meu próprio pecado
Quero beber do meu próprio veneno
Cale-se!

O ontem foi AI-5, hoje é sigilo de 100 anos, exaltação ao golpe, impunidade e corrupção
Tortura virou piada de palanque, e negacionismo pauta a legislação
A censura ganhou terno e mandato, antes algemado por desacato e hoje se a opinião é
contrária ao ofensor
Dizem que a justiça é cega, mas só enxerga quando a pele é clara e a opinião a favor do
opressor
Ontem, te sumiam nos porões, hoje te roubam a dignidade nacional
Hoje trocam a faca pela fala, mas com desinformação digital
A bala agora vem com nota fiscal e a Bíblia virou arma moral

Mas isso não é só um poema
Vocês estão relatando os vestígios de uma expropriação cultural
O descaso estatal e a morte de um país que renasceu com a evolução
Que tenhamos memória de aço, para que não se repita no futuro o que deveria ter sido
enterrado no passado
Que todas as vítimas do massacre em massa da ditadura militar, sejam um lembrete
vívido de que a liberdade humana jamais poderá ser silenciada
A breve lembrança de seus sorrisos que hoje, só escapam lágrimas

Hoje não se escuta mais falar de você, do seu silêncio cortante, do seu abuso incessante
e de seu poder de mentira

Hoje não escuto mais os gritos por misericórdia que tanto me assombravam

Hoje a democracia vive!

Hoje a liberdade prospera

E um povo que não conhece sua história, está fadado a repeti-la.

- Em memória a sociedade brasileira.

NTE 25 - Senhor do Bonfim

Autor (a): João Henrique da Silva Almeida

Colégio: CETEP do Piemonte Norte do Itapicuru

Série: 3º ano

Município: Jaguarari



Tiro ao Girassol

Falar sobre flores
Já foi perigoso.
Havia medo até no cheiro do jardim.
Uma palavra errada,
E o regador sumia.
Uma pétala a mais,
E alguém desaparecia.

Aqui, onde o solo é quente,
Mas a raiz tremia,
A arte era vista como ameaça.
E quem ousava florescer,
Era cortado antes da primavera

Pai, afasta de mim esse ceifador.
Aquele que confunde flor com arma.
Aquele que chama beleza de perigo.
Aquele que não sabe que:
Limitar não é arte.
Podar não é proteger.
Silenciar não é paz..

A arte é flor que explode no asfalto.
É voz que vaza pelo cimento.
É cor no meio da fumaça.

Tiro ao girassol.
Tiro no peito de quem sonha.
Tiro no canto de quem canta.
Tiro na história de quem sente.

Mas a flor, mesmo assim,
Teima em nascer.
Mesmo sob ferro,
Mesmo sob farda,
Ela insiste.

Chico ainda canta.
Caetano ainda dói.
Gil ainda pulsa.
Elis ainda grita.
Rita Lee ainda ecoa, selvagem.
Milton canta o nome de quem partiu.
Zuzu costura com agulha de sangue.

Paulo Freire educa com libertação.
Herzog ainda denuncia no silêncio do papel.
Gabeira grita em meio ao chumbo.
Marighella é cicatriz que não fecha.
E Tuca, em sua voz, eterniza a ausência.

Eles tentaram arrancar a raiz,
Mas ela virou floresta.

Liberdade de expressão,
Não é luxo, é respiração.
É o fruto da dor passada,
É o grito que hoje não se cala.
Foi sangue, suor e prisão,
Pra hoje termos canção,
Poema, protesto, opinião.

Nos tempos em que tudo era proibido,
As palavras sumiam da boca.
As imagens borravam sozinhas.
As mensagens não chegavam.
E quem perguntava demais,
Virava ruído.

Hoje temos voz.
Mas quase entregamos de novo o microfone
Aos mesmos que desligaram o som.
Quase demos palanque aos que aplaudiram
o porão.
Ficamos a um fio de repetir o mesmo erro,
E chamaram isso de saudade.

Saudade de quê?
De quando o medo dormia no sofá
E o riso era algemado?

Pai, afasta de mim esse ceifador.
Mas se ele vier,
Me deixe ser espinho.

Porque calar a arte
É tentar apagar o incêndio
Com gasolina.

A arte não é enfeite.
É trincheira.
É lágrima cantada.
É luta pintada.

É poema gritado.
É cinema que reluz na escuridão.

E nós, artistas, sonhadores,
Filhos da cultura abaixo da linha do Equador,
Carregamos nas mãos a memória e a tinta.
Resistir, por aqui,
É crescer com os pés na lama
E a cabeça no céu.

E às vezes,
É atravessar a linha.
Não para fugir,
Mas para encarar de frente o regime,
De punho cerrado
E peito aberto.
Porque quem pinta a dor,
Grita por quem calaram.

E mesmo que apaguem os nomes,
Que queimem os livros,
Que censurem os versos...

Ainda estamos aqui.
Gritando.
Criando.
Resistindo.

Tiro ao Girassol
Para que nunca esqueçam
Que tentaram nos apagar...
E mesmo assim,
Nós florescemos.

A memória resiste como a luz de um farol.
E lembrar...
É nunca mais permitir, que atirem
Novamente ao girassol.

NTE 26 - Salvador

Autor (a): Gustavo Souza Carvalho

Colégio: Colégio Estadual Satélite

Série: 3º ano

Município: Salvador



Facção do Poeta

Na favela que é minha mente
Sou traficante de palavras,
Na esquina onde fico vendo sabedoria,
Minha arma é a rima, meu fuzil, a poesia.

Minha facção é feita de letras,
Meu arsenal de inspiração,
Cada estrofe uma bala,
Cada verso, uma revolução.

Na quebrada do meu peito,
O sentimento é verdadeiro,
Não vendo alma pro sistema,
Meu lucro é ser por inteiro.

Na mira do pensamento,
Eu atiro reflexão,
Meu bonde não usar arma,
Mas carrega disposição.

Não é fita de novela,
É vivência de quebrada,
Onde o verbo é munição
E a rima é disparada.



NTE 27 - Eunápolis

Autor (a): Heloysa Marques Franco

Colégio: Estadual Loíde Alcântara Neves

Série: 3º ano

Município: Itagimirim

Raízes do Brasil

Na escola eu aprendi muitas coisas:

Português, matemática, geografia, história...

Aprendi fórmulas, regras e datas.

E no meio disso, me contaram uma história muito antiga,
de alguns anos atrás.

Me falaram de Pedro Álvares Cabral e sua grande chegada.

Falaram também sobre importação, troca e reivindicação,
mas não falaram da muita escravidão nem da exploração.

Esqueceram de falar do choro que ergueu o Brasil: 1500!

Cabral chegou, mas a terra já era sagrada pelos povos que aqui
habitavam: Guaranis, Kayapós, Pataxós, Tupinambás.

Imagina uma mãe com filho no colo,

vendo de longe seu estuprador chegar,

vindo de caravela, cortando o mar,

levando correntes, dor e 300 anos de escravidão.

Calma, não se assusta, mas essa é a verdadeira versão.

Brasil, minha terra e eterna Pindorama,

onde a fé se mistura com suor.

Nasceram quilombos, refúgios de vida,

onde a liberdade era bandeira erguida.

E com o som do ontem distante,

vozes ecoam em um ritmo constante.

O céu já viu estrela e fumaça,

a mão que afaga é a mão que ameaça.

Falaram de glória,
mas a terra é de sangue,
construída na dor de um povo errante.

Zumbi ecoa nos montes, nos vales,
a voz do povo que nunca se cale.
Nas ladeiras de Salvador, a memória persiste.
Cada canto carrega a história que insiste.

Me ensinaram errado,
me contaram mentira,
disfarçaram a história pra que ela não fira.

Mas a verdade resiste, grita, persiste.
Por mais que tentem, ela ainda existe.

Descobriram? Não. Invadiram.
Trouxeram correntes, chicotes, feridas.
Chamaram de ordem, mas foi matança.
Chamaram de glória, mas foi cobrança.

Se a história esconde o que sempre sangrou,
a voz do tempo já denunciou.

Moreno, mulato, palavras jogadas,
só pra esconder o peso das chagas.
Dizer que a coisa tá preta é porque é ruim,
mas pra mim, se tá preta, tá bom assim.

E as balas? Perdidas pra quem?
Nunca erram, só escolhem bem.
Se o alvo é preto, se é periférico,
chamam de acaso, mas nunca é técnico.

No bairro nobre não tem erro, não,
porque justiça tem preço e também direção.

Cada passo que dou é um ato de guerra,
pois viver é lutar em cada esquina da terra.
Se a verdade é amarga, que a boca sinta.

Não pedimos esmolas,
Exigimos ação.
A justiça não vive de contemplação.

Se o passado nos marca, o futuro nos chama,
pois o fogo que arde nunca perde a chama.
E no fim, o que somos não vão apagar:
somos tempestade, somos o mar.

Somos a história que o livro omitiu,
a chama que a dor nunca extinguiu.

Negros, quilombos, mulatos, baianos,
jovens, resistência e ação.
Somos o futuro, o futuro em construção.

Nossa história não termina aqui.
Ela é escrita a cada passo que damos.

Conheça os



EDUCAÇÃO, ARTE E INOVAÇÃO
PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL

Selecionados

do TAL



NTE 19

UEE: Colégio Estadual Teotônio Vilela

Município: Feira de Santana

Nome da Obra: Dor Não Contada, Culpa Mascarada

Estudante: Thaline Silva Leandro

conheça a
obra na
página 43

Conheça os



EDUCAÇÃO, ARTE E INOVAÇÃO
PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL

Selecionados

do TAL



#2

NTE 24

UEE: Centro Territorial de Educação Profissional

Itaparica II Wilson Pereira

Município: Paulo Afonso

Nome Da Obra: Pátria Amada

Estudantes: Laila Nunes Da Silva e Laina Torres Batista

conheça a
obra na
página 55

Conheça os



EDUCAÇÃO, ARTE E INOVAÇÃO
PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL

Selecionados

do TAL



NTE 22

UEE: Centro Territ. de Educ. Prof. Médio Rio Das Contas

Município: Ipiaú

Nome da Obra: Raízes Negras: Ela Me Dizia Chorando

Estudante: Felipe Braz Dos Santos

conheça a
obra na
página 50

CONTATOS

SUPERINTENDENTE DE POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - SUPED
DIRETORIA DE EXECUÇÃO DAS POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA - DIEX
COORDENAÇÃO DE ARTE E CULTURA ESTUDANTIL - CACE

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA
5ª AVENIDA Nº 550, CENTRO ADMINISTRATIVO DA BAHIA - CAB, SALVADOR, BAHIA - SALA 211
CEP: 41.745-004 | TEL.: (71) 3115-9004/9186

E-MAIL: PROJETOSARTISTICOS@ENOVA.EDUCACAO.BA.GOV.BR /
CACE.DIEX@ENOVA.EDUCACAO.BA.GOV.BR



DO LADO
DA GENTE



GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

DO LADO
DA GENTE